

Fundada em 1944

por

Humberto Bettencourt, Rodrigo Rodrigues, Armando Côrtes-Rodrigues,
 José Bruno Carreiro e Francisco Carreiro da Costa

Director

José Estrela Rego

Secretário

João Paulo Constância

Coordenação Editorial

José Luís Brandão da Luz**José Damião Rodrigues**

Conselho de Redacção

**José Estrela Rego, Henrique de Aguiar Oliveira Rodrigues, João Paulo Constância,
 Ângelo Albergaria Pacheco, José Luís Brandão da Luz e José Damião Rodrigues**

SUMÁRIO

Proémio	1
Liceu de Ponta Delgada	
Carlos Cordeiro, <i>O Liceu de Ponta Delgada</i>	5
José Luís Brandão da Luz, <i>Teófilo Braga e o Liceu de Ponta Delgada</i>	29
José Maria Teixeira Dias, <i>Uma década de vida do Liceu Antero de Quental</i>	35
Maria Angelina da Naia Balacó Amaral, <i>Segmentos da vida dum Escola no Álbum de Memórias do Liceu</i>	47
Depoimentos	
<i>Entrevista ao Prof. Doutor José de Almeida Pavão</i>	53
<i>Entrevista à Dra. Berta Camacho Melo Bento</i>	57
Eduardo Pacheco, No Liceu de outros tempos	63
Varia	
Sérgio Resendes, <i>O depósito de concentrados alemães na ilha Terceira</i>	67
Gabriela Funk, <i>Pérolas da sabedoria popular portuguesa nos Açores</i>	151
João Alves das Neves, <i>A memória dos Açores na obra do escritor José Geraldo Vieira</i>	163
Documentos	
Miguel Soares da Silva, <i>Extractos dos assentos paroquiais da freguesia de Santo António, do concelho de Ponta Delgada: Casamentos (1729-1800)</i>	173
Victor de Lima Meireles, <i>Extractos paroquiais da freguesia da Ribeira Quente (S. Paulo): Baptizados (1792-1900)</i>	271
Vida do Instituto	
José Estrela Rego, <i>Prof. Doutor José de Almeida Pavão na toponímia de Ponta Delgada</i>	381
Henrique de Aguiar Oliveira Rodrigues, <i>Rodrigo Rodrigues: Homenagem da Câmara Municipal de Ponta Delgada</i>	385

Capa: Carlos Sousa

Fotografia: Fachada principal do Liceu Antero de Quental.

Execução gráfica: Coingra, Lda.

TEÓFILO BRAGA E O LICEU DE PONTA DELGADA

A propósito de uma carta aos seus estudantes

José Luís Brandão da Luz

Teófilo Braga manteve com o Liceu de Ponta Delgada uma ligação estreita, não apenas por nele ter efectuado os seus estudos, que terminou, em 1858, aos quinze anos de idade, mas também pela forma como professores e alunos estiveram presentes e se associaram aos momentos de glória e de profunda dor, que marcaram a vida do ilustre açoriano, professor do Curso Superior de Letras.

Teófilo deixou a Ilha de S. Miguel aos dezoito anos de idade para ir estudar direito, em Coimbra, onde, ainda estudante, ganhou notoriedade, no país e no Brasil, como poeta da *Visão dos Tempos*. Foram cinco dias e meio de «mar e céu» em condições climatéricas adversas, pois o «vento foi sempre contrário e o mar proceloso»¹, segundo informou ao protector e amigo de sempre, Francisco Maria Supico, em carta que lhe dirigiu, logo após ter chegado à capital. Foi uma viagem sem regresso, conforme escre-

veu a sua irmã, D. Maria José, recolhida no Convento da Esperança, de Ponta Delgada, em carta que lhe endereçou do Porto, a 23 de Julho de 1864, onde declarava, em jeito de confidência: «Eu nunca disse a meu Pai, mas não vou para a Ilha de S. Miguel. A voltar um dia é para saíres comigo de lá para sempre»².

Embora Teófilo nunca tivesse manifestado o desejo de regressar à sua ilha natal, manteve permanentemente vivos os laços familiares, escrevendo com regularidade ao pai e à irmã mais velha, que continuaram a viver em Ponta Delgada, aos amigos que deixou na ilha, Supico e António Ferreira, e manifestou sempre um grande interesse pelas coisas dos Açores, como testemunha a correspondência que manteve com João Teixeira Soares de Sousa e Ernesto do Canto, entre outros, para a recolha do cancionero e dos contos populares açorianos³.

¹ Francisco Maria Supico, *Mocidade de Teófilo*, Lisboa, Instituto Teofiliano, 1920, p. 133.

² Teófilo Braga e Maria José Braga, "Minha Freira". *Cartas Familiares*, org., int. e notas por José Luís Brandão da Luz, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1996, p. 67.

³ Em entrevista que, aos setenta e nove anos, concedeu ao Dr. Gaspar Read Henriques, para o *Correio dos Açores*, Teófilo confessa o seu orgulho de ser açoriano e explica por que nunca veio aos Açores nos seguintes termos: «Mais tarde, depois de formado, não quis voltar à Ilha. Não se faria justiça ao meu esforço, ao meu trabalho e ter-se-ia dito que a minha família é

A imprensa local acompanhava a progressão literária e académica de Teófilo, que se impunha como figura de primeiro plano no panorama cultural português, com grande projecção no estrangeiro, suscitando assim a atenção e a deferência dos intelectuais e dos jovens estudantes, que viam nele um exemplo edificante de grandeza intelectual e moral, que prestigiava os Açores, além fronteiras. Assim, quando em 1886-1887, no espaço de «apenas três meses e onze dias»⁴, a morte dos dois filhos, com 13 e 16 anos de idade, mergulha Teófilo e sua mulher numa «angústia que cresce com o tempo», deixando-os, ao fim de vinte anos de casados, «sós diante um do outro, com três filhos na cova, e olhando desalentados para um passado que nos mentiu»⁵, conforme desabafa em carta a sua irmã, recebe, da terra longínqua, uma prova inesquecível de solidariedade: «os estudantes do Liceu enviaram-lhe uma mensagem de afectuosa condolência»⁶, como passados mais de trinta anos ainda fez menção de evocar na autobiografia que, com o título *Mocidade de Teófilo*, atribuiu a Francisco Maria Supico, mas que, como apurou o Dr. José Bruno Carreiro, em *Vida de Teófilo Braga: Resumo Cronológico*, muito pouco poderá efectiva-

mente ser considerado da autoria deste vulto do jornalismo micaelense.

Também por ocasião dos cinquenta anos de vida literária de Teófilo os estudantes do Liceu, Luciano Mont'Alverne e Félix Horta, publicaram o número único duma revista, intitulada *A Homenagem*, associando-se desta forma às celebrações nacionais, que promoveram a publicação do *Quinquagenário*, «formado com artigos e estudos que jaziam dispersos por jornais, revistas e opúsculos»⁷ sobre as diferentes facetas da vasta obra de Teófilo. Simultaneamente, a 2 de Maio de 1908, organizaram uma récita de gala em sua honra que, conforme foi anunciada pelo semanário *A Persuasão*, de 29 de Abril, constava dum sarau músico-literário e da representação de um *Auto da Vida*, especialmente composto pelos promotores, para o efeito.

As relações da Academia de Ponta Delgada com Teófilo parecem mesmo constituir uma tradição da escola, pois já anteriormente, ao celebrar o quadragésimo aniversário natalício, um grupo de alunos do nosso Liceu escreve a felicitá-lo pela efeméride, conforme ficamos a saber por carta de agradecimento do próprio Teófilo, que presumimos ser inédita e por isso a transcrevemos:

que me fizera gente! O meu orgulho não o consentiu. Mas através da minha longa vida sempre me interessou tudo o que pudesse interessar os Açores, especialmente a minha terra, os meus companheiros de infância... Se lhes lembro os nomes, vejo erguer-se diante de mim um cemitério...» (*Correio dos Açores* 13 de Julho de 1922, em Carlos Cordeiro (org.), *Na Senda da Identidade Açoriana: Antologia de Textos do Correio dos Açores*, Ponta Delgada, Gráfica Açoreana, 1995, p. 88).

⁴ Teófilo Braga e Maria José Braga, "Minha Freira". *Cartas Familiares*, p. 101.

⁵ *Ibidem*, p. 102.

⁶ Francisco Maria Supico, *Mocidade de Teófilo*, p. 81.

⁷ *Quinquagenário: 1858 a 1908. Cinquenta Anos de Actividade Mental de Teófilo Braga*, Lisboa, Antiga Casa Bertrand, 1908, p. VI.

«Exmo. amigo e patrício

Nenhumas palavras me poderiam tocar mais profundamente do que essas ingénuas frases que os estudantes do Liceu de Ponta Delgada me dirigiram congratulando-se comigo no dia do meu quadragésimo aniversário. Não é tanto pelas palavras de glorificação, que aceito com reservas, mas pelo acto espontâneo em si, que nasceu daquela solidariedade moral que me liga a esse estabelecimento de instrução, e de que a nova geração escolar teve a intuição delicada recordando-me a nossa comum afinidade espiritual. Sou inteiramente filho do Liceu de Ponta Delgada; nas minhas agruras domésticas, sem a afectividade maternal, refugiava-me nesse meio activo, aí respirei livremente, desanuviando a alma na boa confraternidade daquelas imperecíveis amizades que aí se contraem no banco da escola. Todos os planos de trabalho que tenho realizado, todos os pensamentos que têm sido a moral das minhas acções, nasceram, desabrocharam, formaram-se em germes latentes, nesse período de juvenilidade ao ruído franco e alegre desse vaivém das aulas do Liceu micaelense. É por isso que a felicitação desta nova camada escolar me inunda de alegria, levando-me a abraçá-la como se fossem condiscípulos dos passados tempos. Agradecendo reconhecido uma tão grande

homenagem dos novos, dos meus contemporâneos, termino tirando a conclusão moral contida em um tão afectuoso documento. Disse Augusto Comte, que se deve toda a atenção às pessoas e a máxima intransigência para as ideias. Infelizmente este princípio anda pervertido; vê-se a versatilidade nas ideias e a adulação ou a dejurgação cercando as personalidades, donde resulta este caos moral em que actualmente se acha a sociedade portuguesa. Como novos, gravai em vossas consciências este princípio da veneração proclamado pela filosofia positiva, porque na grande crise por que tem de passar a nossa nacionalidade, o que mais se precisa são caracteres inquebrantáveis para venticarem as ideias justas.

Dirigindo-me ao primeiro signatário da felicitação, envio-lhe um apertado abraço, como a todos os outros bons amigos que autenticam com o seu nome essa alta expressão de uma adesão simpática pelas ideias que sirvo.

Patrício, amigo e antigo condiscípulo.

Lisboa, 4 de Março de
1883.

Teófilo Braga»⁸

É o líder espiritual que exorta os seus jovens admiradores à firmeza de carac-

⁸ «Carta do Doutor Teófilo Braga aos estudantes da Academia Micaelense que lhe dirigiram uma carta por ocasião do seu quadragésimo aniversário». Autógrafo arquivado nos Serviços de Documentação da Universidade dos Açores, 869. 90-6 B796c.

ter, à disciplina mental do positivismo, mas que confessa a sua dívida para com a sua antiga escola, reconhecendo ser «inteiramente filho do Liceu de Ponta Delgada», onde contraiu «imperecíveis amizades», que, de algum modo, o compensavam das «agruras domésticas» que o segundo casamento de seu pai lhe trouxera. Na entrevista ao *Correio dos Açores* a que já nos referimos, diz que o «Liceu foi a libertação para a minha infância, foi o *seio materno*. Foi lá que a alma da minha infância respirou»⁹. Nesta carta, mostra-se mais assertivo e liga o Liceu ao seu percurso intelectual: nele formou, «em germes latentes», as traves mestras do seu pensamento e a orientação da sua conduta.

Teófilo começou, desde muito novo, a frequentar o Liceu, na companhia de seu pai, que a ele esteve ligado, desde a sua criação, em 1852, nas instalações do antigo convento da Graça. Joaquim Manuel Fernandes Braga cursou na Academia Real de Fortificação, Artilharia e Desenho, criada por D. Maria I, em 1790, para a formação de oficiais¹⁰, onde teria adquirido conhecimentos de ma-

temática e de língua francesa, que o acreditavam como professor numa escola primária que abriu no Campo de S. Francisco, em Ponta Delgada. Aí ministrava aulas particulares de francês, gramática, desenho e matemática elementar a mais de cem alunos, divididos em duas turmas. Ao mesmo tempo, dava lições particulares em casa de algumas famílias abastadas da cidade, «fazia trabalhos de agrimensura, e também habilitava na pilotagem os moços que seguiam a carreira marítima»¹¹.

Com a criação dos liceus, o prof. Braga decidiu obter habilitação para o ensino liceal, por meio de concurso a que se submeteu, na ilha Terceira, para a cadeira de Filosofia Racional, que lhe ofereceu a possibilidade de ingressar, no Liceu de Ponta Delgada, como professor dessa cadeira e de Moral e Princípios de Direito Natural, que eram designadas por 3ª e 4ª cadeiras, ao mesmo tempo que desempenhava as funções de secretário do Liceu¹². No mesmo edifício, funcionava também a Biblioteca Municipal, onde Teófilo tomou contacto com a obra de Garrett e pôde, nomeadamen-

⁹ Carlos Cordeiro (org.), *Na Senda da Identidade Açoriana*, p. 86.

¹⁰ Cf. Rómulo de Carvalho, *História do Ensino em Portugal*, 2ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1996, p. 517. A partir de 1837 passou a Escola do Exército (cf. Ana Luísa Janeira, *Sistemas Epistémicos e Ciências. Do Noviciado da Cotovia à Faculdade de Ciências de Lisboa*, Lisboa, INCM, 1987, p. 96).

¹¹ Francisco Maria Supico, *Mocidade de Teófilo*, p. 41. O ensino da pilotagem foi também ministrado, pelo pai de Teófilo, como curso livre, no Liceu de Ponta Delgada, conforme é mencionado por Eugénio Pacheco, reitor do Liceu entre 1890 e 1894, num relatório oficial em resposta a uma consulta do Governo em ordem à reorganização do ensino liceal. Nele se reclama o restabelecimento, como curso livre, do antigo curso de pilotagem, que havia sido «professado pelo falecido Sr. Joaquim Fernandes Braga», e se diz que o mesmo foi «muito concorrido, e prestou relevantíssimos serviços a muitos moços que ainda hoje o reconhecem cheios de gratidão para com aquele respeitável professor» (Eugénio Vaz Pacheco do Canto e Castro, *Resposta à Consulta do Governo de 22 de Fevereiro de 1892 Sobre os Serviços dos Liceus*, S. Miguel — Açores, Tip. do Campeão Popular, 1892, p. 41).

¹² Cf. Maço n° 3837 do Ministério do Reino, em Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Em 1847, é referida a criação da cadeira de Náutica, em Angra do Heroísmo (Cf. Maço n° 3500, *ibidem*) e o nome de Joaquim Manuel Fernandes Braga apa-

te, ler as *Folhas Caídas*, que inspiraram o seu primeiro livro de poemas, intitulado *Folhas Verdes*, que publicou em 1859, aos dezasseis anos de idade.

Como aluno do Liceu, a memória de antigos condiscípulos e amigos conservara e registara alguns episódios que mostravam ter assumido, desde muito cedo, o ideal de vida que mais tarde veio a realizar e uma firme segurança nas suas convicções e atitudes. É assim que Francisco Maria Supico dá conta, em *A Homenagem*, do confronto verbal que, no exame de Francês, opôs o jovem Teófilo ao seu examinador, Dr. André António Avelino, médico, formado em Paris e reitor do Liceu, que insistia em corrigir a tradução dum texto de Chateaubriand, que lhe saíra em prova oral.

A firmeza com que manteve o seu ponto de vista valeu-lhe a reprovação na cadeira, mas não a derrota da sua tradução, pois, após o exame, fez questão de fazer chegar ao seu reitor e examinador uma tradução feita por Camilo, existente na Biblioteca, que confirmava o seu juízo¹³.

É também na aula de Francês do professor João Hermeto Coelho de Amarante, mais tarde «um dos maiores admiradores de Teófilo»¹⁴, que tem lugar a troca de palavras provocadas pela desconfiança que o professor manifestara quanto aos projectos de Teófilo. Este dissera que queria, no futuro, ser doutor, e face ao cepticismo que os reparos de Hermeto teriam manifestado quanto à viabilidade de tal propósito, Teófilo ripostou de imediato, lastimando que o professor manifestasse tanta falta de «faro»¹⁵.

Como já havia referido no prólogo que escreveu para o primeiro livro de versos *Folhas Verdes*, Teófilo não dispunha de grandes meios para escrever os seus poemas e por isso se servia da situação do pai como secretário do Liceu para, nos espaços em branco dos requerimentos que os alunos faziam, escrever os seus poemas¹⁶.

A passagem de Teófilo pelo Liceu de Ponta Delgada apoia-se em testemunhos que põem em destaque uma sólida preparação e uma firmeza de personalidade, que corroboram a

rece, em 1849, ligado ao curso de Náutica de Angra do Heroísmo, ministrado em dois anos e constituído por quatro cadeiras, encontrando-se o plano de estudos e o regulamento publicados no *Açoriano Oriental*, de 29 de Setembro de 1849, nº 765. Devo estas informações a gentileza do Prof. Doutor J. Teixeira Dias.

¹³ Cf. *ibidem*, pp. 78-79. Esta e outras passagens, que a seguir iremos referir, reproduzem o texto de Supico que, com o título «Mocidade de Teófilo», abre o número único de *A Homenagem*, publicado pela Academia de Ponta Delgada por ocasião dos cinquenta anos de vida literária de Teófilo, em que Supico inclui cartas de teor biográfico que o homenageado lhe mandara e enumera a produção literária que, em prosa e em verso, publicou nos jornais de S. Miguel *Meteoro* e *Santelmo*, assim como alguns manuscritos inéditos que Supico conservava. Esta publicação consta apenas de 21 páginas e inclui ainda um conjunto de depoimentos de diversas personalidades regionais e nacionais, alguns seus antigos condiscípulos. Este texto encontra-se também na *Mocidade de Teófilo*.

¹⁴ *A Homenagem*, p., 6.

¹⁵ *Ibidem*.

¹⁶ *A Homenagem*, p., 5 e *Mocidade de Teófilo*, p. 75.

convicção de que a formação do carácter e as ideias directrizes da sua vida, se não tiveram origem no Liceu, encontraram nele uma ocasião clara para se manifestarem. O Liceu foi para Teófilo Braga uma referência sempre muito presente, ao ponto de, dois anos antes de morrer, em entrevista que o Dr. Gaspar Henriques publicou no *Correio*

dos Açores, revelar o seu sonho de juventude de vir a ser um dia professor do Liceu de Ponta Delgada, casar e ir viver numa quinta da Fajã de Cima, localidade onde a família possuía uma propriedade, e confessar a satisfação que teria se o Liceu viesse a ter o seu nome¹⁷, o que, como se sabe, nunca veio a acontecer.

¹⁷ Cf. Carlos Cordeiro (org.), *Na Senda da Identidade Açoriana*, pp. 86-87.